



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

BRÁULIO DE OLIVEIRA FERNANDES JUNIOR

CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NAS PEÇAS DE GIL VICENTE: UM ESTUDO  
DESCRITIVO

BRASÍLIA

2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS

CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NAS PEÇAS DE GIL VICENTE: UM ESTUDO  
DESCRITIVO

Monografia apresentada como conclusão do curso de graduação em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado.

Discente: Bráulio de Oliveira Fernandes Junior  
Orientadora: Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

BRASÍLIA  
2022

A meu amado pai, Bráulio (*in memoriam*), cujo sonho era viver até que nos formássemos.

A minha bondosa avó, Etelvina (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus e a Nossa Senhora, sem os quais eu nada seria.

Em segundo lugar, à minha família. Ao meu querido pai, pela educação e exemplo que nos deu e por nos ter transmitido seu amor às línguas e aos estudos desde muito cedo. À minha doce mãe, Vera, pelo apoio em todas as horas e pela sua tão necessária intercessão. Ao meu irmão, Maxwell, pela difícil tarefa de me aguentar há mais de duas décadas.

Agradeço também à professora Heloisa Salles, pelas aulas de Sintaxe do Português Clássico, que despertaram o meu interesse pelo tema, e pela orientação cuidadosa. Sem o seu auxílio, este trabalho não teria sido sequer pensado.

Ao Marcos e à Thaís, amigos de longa data que mudaram a minha vida, com quem compartilho o mesmo amor pela História e de quem escuto as histórias mais engraçadas.

Por fim, ao Gustavo, esposo da Giselle e pai do Bernardo, do Antônio e da Maria Teresa, amigo da infância encontrado na vida adulta de cuja paciência sou grande devedor. “Como o ferro com o ferro se afia, assim o homem ao seu amigo” (Provérbios 27, 17) – eis o lema da nossa Sociedade.

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo fazer um levantamento da ocorrência de construções causativas com infinitivo nas peças de Gil Vicente, descrevendo os dados coletados e comparando-os com os resultados encontrados por Trannin (2010), para, em um segundo momento, analisar algumas dessas ocorrências tomando como base os estudos de Martins (2004), Salles e Pilati (2014) e Andrade (2015). Diferente de Trannin (2010), encontramos casos de causativas com infinitivo flexionado, o que fortalece a tese defendida por Martins (2004) para o período de surgimento dessa estrutura; além disso, também encontramos ocorrências de construções causativas em que o infinitivo é introduzido por preposição, o que pode ter relevância na discussão do *status* mono ou bioracional das construções causativas.

**Palavras-chave:** verbos causativos; infinitivo flexionado; infinitivo pessoal; Gil Vicente; português clássico.

## **ABSTRACT**

This study aims to investigate causative constructions in Gil Vicente's plays, describing the collected data and comparing them with the results found in Trannin (2010), then analyzing some of these occurrences taking into consideration the studies in Martins (2004), Salles and Pilati (2014) and Andrade (2015). Different from Trannin (2010), we have found exemplars of inflected infinitive, what strengthens Martins' thesis about the period in which these structures have emerged. In addition, we have also found causative construction in which the infinitive is introduced by a preposition, what may be relevant for the discussion about the mono or bi-clausal status of causative sentences.

**Key words:** causative verbs; inflected infinitive; personal infinitive; Gil Vicente; Classical Portuguese.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	AS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NO PORTUGUÊS EUROPEU .....	11
	<b>2.1 Causativas no português moderno.....</b>	<b>11</b>
	<b>2.2 Causativas no português antigo e no português clássico .....</b>	<b>14</b>
3	AS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NO PORTUGUÊS CLÁSSICO (PCL) .....	19
	<b>3.1 Tipos de construções causativas encontradas no português clássico (PCI): o estudo de Trannin (2010) .....</b>	<b>19</b>
	<b>3.2 Os dados em Gil Vicente.....</b>	<b>23</b>
4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
	REFERÊNCIAS .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem dois objetivos principais. O primeiro é fazer o levantamento da ocorrência de orações causativas com complemento infinitivo nas peças de Gil Vicente, autor que escreveu no século XVI, descrevendo os dados coletados e comparando-os com os resultados encontrados por Trannin (2010) para esse século. O segundo é analisar algumas dessas ocorrências tomando como base os estudos de Martins (2004), Salles e Pilati (2014) e Andrade (2015). A escolha dos textos de Gil Vicente justifica-se pelo fato de esse autor ter escrito nas primeiras décadas do século XVI, momento importante na transição do português medieval para o português clássico.

A principal característica das construções causativas é a presença do argumento interpretado como *causador* e do argumento interpretado como *causado*, o primeiro introduzido pelo verbo causativo, na posição de sujeito, enquanto o segundo é realizado na estrutura do predicado subordinado. Interessantemente, essa construção tem diferentes estruturas nas línguas naturais. É o que demonstramos adiante, com o estudo dessas estruturas na diacronia do português.

A periodização da história da língua portuguesa não é um ponto pacífico entre os estudiosos – há várias propostas de datação de acordo com aspectos da história do idioma considerados mais ou menos relevantes por cada autor. Tradicionalmente, costuma-se situar o século XVI como um período de transformações, que justificam a delimitação de uma nova fase na gramática do português. Leite de Vasconcelos e Silva Neto, por exemplo, datam, nesse século, o início do chamado português moderno, que se estenderia até o século em que escreveram; autores como Pillar V. Cuesta e Lindley Cintra, por sua vez, preferem denominar o novo período de português clássico, localizando o início do português moderno no século XVIII.

O quadro a seguir, retirado de Galves (2012, p. 95) com base em Mattos e Silva (2006), apresenta as propostas desses autores:

**Figura 1** - Quadro Mattos e Silva

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até s. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até ± 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/1420	português arcaico	trovadoresco	galego-português	português antigo
até 1536/1550		português comum	português pré-clássico	português médio
até s. XVIII	português moderno	português moderno	português clássico	português clássico
até s. XIX/XX			português moderno	português moderno

Fonte: Galves (2012)

Para os propósitos do nosso estudo, o mais relevante é a identificação do início do século XVI com o português arcaico (Leite de Vasconcelos) ou a sua caracterização como um momento de transição (Pillar V. Cuesta e Lindley Cintra). Tendo Gil Vicente escrito sua obra nesse período de transição, ele apresenta, por hipótese, características do português medieval em sua gramática (portanto, arcaizantes); de outro lado, porém, apresenta propriedades inovadoras, evidenciando-se a língua moderna em formação, o que torna relevante a seleção de seus textos como fonte de estudo.

Adicionalmente, ainda há o fato reconhecido de as peças teatrais incorporarem diversos tipos de registros nas falas das personagens. No caso particular de Gil Vicente, as marcas da linguagem popular são numerosas, o que pode ser relevante para um estudo mais pormenorizado da variedade de português falada entre a população.

Seguindo a abordagem dos estudos examinados, a análise dos dados é formulada no quadro teórico gerativista, segundo o qual a língua se manifesta como uma capacidade mental inata do ser humano (organizada, hipoteticamente, como uma gramática universal), pela qual o ser humano desenvolve o conhecimento de uma língua particular (aquisição de L1), o que constitui ainda o contexto da mudança linguística, uma vez que a gramática adquirida pode manifestar diferenças em relação à que serve de *input* ao aprendiz (cf. CHOMSKY, 1986).

Os textos escolhidos foram as peças escritas em português ou com trechos nessa língua, representadas entre 1505 e 1536; embora constituam parte considerável da obra vicentina (BERARDINELLI, 2012), aquelas totalmente em espanhol foram excluídas porque nosso objeto de análise foi a língua portuguesa.

Fazem parte do *corpus*: *Quem tem farelos* (1505); *Auto da alma* (1508); *Auto da Fama* (1510); *Auto da fé* (1510); *O velho da horta* (1512); *Exortação da guerra* (1513); *Auto da barca do inferno* (1517); *Auto da barca do purgatório* (1518); *Cortes de Júpiter* (1519); *Auto da Índia* (1519); *Comédia de Rubena* (1521); *Auto pastoril português* (1523); *Farça de Inês Pereira*

(1523); *Farça dos físicos* (1524<sup>1</sup>); *O juiz da Beira* (1525); *Frágoa d'Amor* (1525); *Templo d'Apolo* (1526); *O clérigo da Beira* (1526); *Farça dos almocreves* (1526); *Não d'Amores* (1527); *Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela* (1527); *Auto da história de Deus* (1527); *Diálogo sobre a ressurreição* (1527<sup>2</sup>); *Auto da feira* (1527); *Comédia sobre a divisa da cidade de Coimbra* (1527); *Triunfo do inverno* (1529); *Auto da Lusitânia* (1532); *Romagem de agravados* (1533); *Auto da Mofina Mendes* (1534); *Auto da Cananeia* (1534); *Floresta de enganos* (1536); *Auto das fadas* (c. 1495-1521<sup>3</sup>); *Auto da festa* (?<sup>4</sup>).

As edições utilizadas com a compilação dos textos foram as da editora Lymen, tomos I e II, publicados em 1907 e 1912, respectivamente. O tomo III não foi considerado, já que, apesar de apresentar prólogos e didascálias em português, reúne apenas peças escritas em espanhol. A coleta de dados foi feita em versões digitalizadas<sup>5</sup> dos livros através da ferramenta de buscas de um programa leitor de arquivos no formato *.pdf*.

Para classificar os dados, muitas vezes foi necessário pesquisar mais a fundo a transitividade de alguns verbos ou outras particularidades sintáticas não mais presentes no português atual. Nesses casos, buscamos comparar os dados com outras ocorrências no português medieval, através do *Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval*<sup>6</sup>, bem como com outras ocorrências nas próprias peças de Gil Vicente.

O trabalho está estruturado do seguinte modo. Na seção 2, apresentaremos, com base na bibliografia consultada, os diversos tipos de construções causativas com infinitivo presentes no português, com especial destaque para os encontrados no PA e PCI. Na seção 3, faremos o levantamento das ocorrências dessas estruturas na obra vicentina, tendo como referência os dados de Trannin (2010). Na seção 4, com base em algumas ocorrências localizadas no *corpus*, discutiremos a questão da presença de infinitivo flexionado como complemento de verbos causativos no século XVI e, adicionalmente, alguns achados de infinitivo antecedido pela preposição *a*. Por fim, nas *Considerações finais*, resumiremos os resultados encontrados e sua possível significação.

<sup>1</sup> Essa data não aparece no prólogo, mas foi fornecida por Berardinelli (2012), que a retirou de Révah.

<sup>2</sup> O *Diálogo sobre a ressurreição* foi considerado parte integrante do *Auto da história de Deus*, por isso a mesma data.

<sup>3</sup> Apesar de o prólogo da peça não apresentar nenhuma datação, é possível deduzir que foi escrita durante o reinado de D. Manuel I por conta das referências a esse rei e a suas filhas.

<sup>4</sup> O *Auto da festa* não apresenta data, tendo sido encontrado pelo conde de Sabugosa e publicado em fac-símile no início do séc. XX.

<sup>5</sup> A digitalização foi feita a partir da tecnologia OCR (*Optical Character Recognition*), que converte automaticamente imagens em arquivos pesquisáveis.

<sup>6</sup> Base de dados on-line disponibilizada pelo site da Casa Rui Barbosa. Disponível em: <http://medieval.rb.gov.br/>. Acessado em 4 de maio de 2022.



## 2 AS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NO PORTUGUÊS EUROPEU

Nesta seção, apresentamos as construções causativas no português europeu contemporâneo, em que se identificam diferentes tipos de realização sintática. Segue-se o debate sobre a ocorrência da chamada causativa ECM já no português arcaico (PA).

### 2.1 Causativas no português moderno<sup>7</sup>

Conforme mencionado anteriormente, verbos causativos são aqueles que manifestam uma relação de causa entre o seu sujeito (causador) e uma ação ou estado de coisas envolvendo outro termo considerado sujeito (causado) na oração subordinada. Em português, os verbos causativos são *mandar*, *fazer* e *deixar*. Como amplamente demonstrado nos estudos gramaticais, tais verbos podem ocorrer em diferentes estruturas. As diferenças entre os diversos tipos de construções causativas com complemento infinitivo dizem respeito aos seu *status* mono ou bioracional, ao licenciamento do argumento *causado* na posição de complemento do verbo causativo ou na posição sujeito da oração subordinada, e ao fenômeno da subida de clíticos. Passamos a apresentar, sucintamente, as características das diferentes construções, conforme descrita na literatura gramatical gerativista (cf. MARTINS, 2004, entre muitos outros).

Por hipótese, na chamada estrutura de Marcação Excepcional de Caso (ECM), como em (1), o argumento interpretado como *causado* (*os alunos*) ocorre na posição de sujeito da oração infinitiva e manifesta o caso objeto do verbo causativo através da fronteira oracional:<sup>8</sup>

(1) *Marcação excepcional de caso* (ECM)

a. O professor **mandou** os alunos **ler** o livro.

b. O professor **fez** os alunos **ler** o livro.

<sup>7</sup> Adotamos a cronologia de Lindley Cintra apresentada em Galves (2012), considerando, particularmente, a língua falada em Portugal.

<sup>8</sup> Em relação ao licenciamento do *causado* na posição de sujeito da oração subordinada, dois processos são postulados, no quadro teórico gerativista (cf. MARTINS, 2006; SALLES; PILATI, 2014, entre muitos outros): (i) a atribuição excepcional de Caso (abstrato) (*Exceptional Case Marking*, doravante ECM), em que o argumento é licenciado na posição de sujeito da oração subordinada, pelo verbo causativo com o caso *acusativo*, através da fronteira oracional; (ii) a atribuição do caso nominativo pela flexão do verbo infinitivo na estrutura da oração subordinada (doravante, construção de infinitivo flexionado IF). O Caso abstrato é postulado como uma operação da Gramática Universal, em que são verificados os traços formais do argumento e da categoria funcional associada – o núcleo funcional ‘v’ (um verbo abstrato na estrutura do sintagma verbal) e o núcleo funcional I (a flexão de Tempo na estrutura oracional), respectivamente (cf. CHOMSKY 1995). Na gramática tradicional, chama-se esse tipo de construção de oração infinitiva com sujeito acusativo, uma análise herança da gramática latina (NAPOLEÃO, 1981, p. 412). A presente análise investiga hipóteses desenvolvidas no quadro teórico gerativista.

c. O professor **deixou** os alunos **ler** o livro.

No PE, além de (1), encontram-se as seguintes estruturas:

(2) *Fazer-infinitivo* (FI)

a. O professor **mandou ler** o livro aos alunos.

b. O professor **mandou sentar** os alunos.

(3) *Fazer-por* (FP)

O professor **mandou ler** o livro (pelos alunos).

(4) *Infinitivo-flexionado* (IF)

a. O professor **mandou** os alunos **lerem** o livro.

Nas causativas ECM – tipo de construção bioracional, já que cada verbo é núcleo de um sintagma distinto –, o argumento interpretado como causado recebe caso acusativo do verbo causativo da oração principal. Isso se comprova nos exemplos em (1) pela ausência de concordância entre o infinitivo e o sintagma *os alunos*, que aparece posicionado entre os dois verbos. Quando o causado é realizado na forma pronominal, como em (5a), assume a forma de um clítico pronominal, que, em português, exerce exclusivamente a função de objeto direto, mais um fator que comprova a atribuição de caso pelo verbo *mandar*. Quanto à colocação pronominal do causado, este, embora seja argumento do verbo infinitivo, é realizado no domínio do verbo causativo. O objeto da subordinada, por sua vez, permanece no domínio do infinitivo, como em (5b).

(5) *Pronominalização*

a. O professor **mandou-os ler** o livro. (ECM)

b. O professor **mandou-os lê-lo**. (ECM)

As construções causativas FI são mono-oracionais, já que o causativo e o infinitivo formam uma perífrase verbal. Nesse caso, o causado é posicionado no final da sentença, recebendo casos distintos conforme a transitividade do infinitivo. Sendo transitivo, como em (2a), recebe caso dativo, já que o acusativo é atribuído ao constituinte que exerce a função de objeto direto. Sendo intransitivo, como em (2b), recebe acusativo. A diferença na atribuição de

casos ao causado pode ser verificada na escolha dos clíticos, como ilustrado em (5c) e (5e). Além disso, na pronominalização, tanto o causado quanto o objeto direto só podem ocorrer no domínio do verbo causativo, a exemplo de (5d).

(5) *Pronominalização*

- c. O professor **mandou-lhes ler** o livro. (FI)
- d. O professor **mandou-o ler** aos alunos. (FI)
- e. O professor **mandou-os sentar**. (FI)

Outra construção de perífrase causativa é a FP, como em (3). Esse tipo de sentença caracteriza-se pela atribuição de caso oblíquo pela preposição *por* ou *de* ao causado, o qual ocorre na última posição, podendo estar presente ou não<sup>9</sup>. No português moderno, o causado é sempre omitido. As FP ocorrem em regra com infinitivos transitivos, mas também podemos encontrá-las com infinitivos intransitivos inergativos, desde que, nesse caso, o causado esteja obrigatoriamente ausente (TRANNIN, 2010, p. 54<sup>10</sup>). O objeto direto pronominalizado também tem colocação obrigatória junto ao verbo finito, como em (5f).

(5) *Pronominalização*

- f. O professor **mandou-o ler** (por eles).

As causativas IF caracterizam-se pela atribuição de caso nominativo ao causado pelo verbo infinitivo (flexionado), também formando estruturas bioracionais. A atribuição de caso se comprova pela concordância estabelecida entre os dois sintagmas, como em (4a), e pela pronominalização do causado em pronome reto, como em (5g), já que esse tipo de pronome em português não pode exercer o papel de objeto. O causado ocupa a posição intermediária entre os dois verbos, como nas ECM. Também, não há subida de clíticos, como ilustrado em (5h).

(5) *Pronominalização do causado*

- g. O professor **mandou eles lerem** o livro (IF)
- h. O professor **mandou eles lerem-no** (IF)

<sup>9</sup> Do ponto de vista sintático, pode ser comparado com o agente da passiva, tendo, portanto, o *status* de adjunto.

<sup>10</sup> Embora (TRANNIN, 2010) não apresente exemplos de FP com infinitivo inergativo, a ocorrência em (i) ilustra essa possibilidade.

(i) O professor **mandou correr** na quadra.

## 2.2 Causativas no português antigo e no português clássico<sup>11</sup>

Um ponto de interesse teórico e empírico no estudo das causativas no português é o fato de haver divergência sobre os tipos de construções causativas com infinitivo encontradas no português antigo e no português clássico. Parece predominar, contudo, o entendimento de que as sentenças do tipo FI e FP<sup>12</sup> são as mais típicas em ambos os períodos (ANDRADE, 2015; TRANNIN, 2010).

Quanto à presença de ECM e IF, os autores consultados discordam sobre o momento em que elas passaram a ser licenciadas no português.

Martins (2004) argumenta que as ECM já existiam no PA, e para isso mostra dois dados colhidos em Davies (1994), apresentados a seguir em (6).

(6)

a. **viu Galvam tal doo fazer**<sup>13</sup>

(*Demanda do Santo Graal*. Citado por Davies 1994: 51)

b. que **o fez leixar a fe de Jhesu Cristo**

(*Crónica Geral de Espanha de 1344*. Citado por Davies 1994: 52)

(MARTINS, 2004, p. 203, grifo nosso)

Outro argumento empregado pela autora para sustentar a hipótese de que o PA já podia apresentar ECM é a presença do objeto direto preposicionado. Em muitos casos, um sintagma antecedido de *a*, num primeiro momento interpretado como caso dativo, aparece entre o verbo causado e o infinitivo, posição típica de ECM. É o caso de (7):

(7) elle **faz aos seguos ver e aos surdos ouvyr**

(*José de Arimateia*. Citado por Davies 1994: 51)

<sup>11</sup> Para simplificar a datação, considerou-se sob o nome *português clássico* também o período chamado por Lindley Cintra de *português médio*.

<sup>12</sup> Nessa época, o causado das FP pode aparecer ou omitir-se.

<sup>13</sup> Nesse exemplo, tem-se um verbo perceptivo em vez de causativo na oração principal, já que sujeitos acusativos também ocorrem no português com esse tipo de verbo. É importante chamar atenção, no entanto, para o fato de a interpretação desse dado fornecida por Martins (2004) não ser precisa, já que a ausência de flexão do infinitivo pessoal na terceira pessoa do singular não permite estabelecer com certeza se se trata de ECM ou IF.

(MARTINS, 2004, p. 203, grifo nosso)

Martins (2004) sustenta que a interpretação dessa sentença é ambígua, pois os causados podem ser vistos tanto como acusativos preposicionados dos complexos verbais, posicionados antes dos infinitivos (FI), já que a ordem OV em subordinadas era licenciada no português medieval, quanto como sujeitos acusativos dos infinitivos (ECM). Em ambos os casos, a anteposição da preposição *a* era possível no PA, pois esse fenômeno poderia ocorrer quando o objeto direto tinha traço semântico [+ humano].

Uma evidência levantada pela autora que comprovaria a existência dos acusativos preposicionados com as construções causativas seria a presença de pronome reflexivo em alguns infinitivos, como em (8):

(8) E un dia que dormindo a achou soa, a un seu mouro **mandou deitar-*sse*** com ela.

(*Cantigas de Santa Maria*. Citado por Souza Fernândes 1998: 68)

(MARTINS, 2004, p. 204, grifo nosso)

Martins (2004) argumenta que as FI não teriam o acusativo disponível para um pronome reflexivo, já que esse caso é atribuído ou ao objeto direto do complexo verbal (no caso de o infinitivo ser transitivo direto) ou ao causado (no caso de ser intransitivo). Entendemos que o argumento da autora a respeito da disponibilidade do acusativo em estruturas com verbos infinitivos pronominais baseia-se na consideração das propriedades dos verbos pronominais reflexivos, que exigem um sujeito sintático correferencial no mesmo domínio oracional, como ilustrado em (8\*).

(8\*) E un dia que dormindo a achou soa, a un seu mouro<sub>i</sub> **mandou** [ ]<sub>i</sub> **deitar-*sse*** com ela.

O fato de *deitar* vir acompanhado do clítico reflexivo *sse* indicaria que não se trata de uma FI. Numa estrutura *fazer-infinitivo* com verbo intransitivo, o verbo pronominal/reflexivo não ocorre (*mandou deitar-(\*se) o mouro*). Nesse caso, o causado receberia marcação de acusativo, porém, sendo o infinitivo pronominal, esse acusativo seria “roubado” pelo pronome. Como a reflexividade pressupõe a presença de um sujeito sintático correferencial ao termo da oração superior, os verbos causativo e infinitivo não poderiam mais ser analisados como

perífrase (união oracional), sendo necessário reinterpretar a sentença como bioracional. Nesse caso, *a um seu mouro* passaria a ser objeto preposicionado de *mandou* e sujeito acusativo de *deitar-sse* – um caso, portanto, de ECM.

Outra hipótese de classificação que poderia levantar-se em relação a (8) seria de que se trata de um caso de controle de objeto, e não de uma construção causativa com infinitivo. As construções de controle de objeto são formadas por um verbo de controle flexionado na oração principal (*persuadir, obrigar, ordenar* etc.), seu objeto (o *controlado*) e um infinitivo na subordinada, cujo sujeito é uma posição vinculada referencialmente a esse mesmo objeto, como ilustrado em (9):

(9) A mãe obrigou as **filhas**<sub>i</sub> a [ ]<sub>i</sub> escovar os dentes.

Martins (2004) reconhece essa possibilidade, tendo em vista que *mandar*, por exigir três argumentos no PA – *quem manda, a quem se manda e o que se manda* –, poderia ser interpretado como verbo de controle assim como *obrigar*. Contudo, a autora salienta que, por ter encontrado construções idênticas sem esse verbo, como é o caso do verbo perceptivo *ver* em (10), inclina-se a interpretar o sintagma preposicional como acusativo.

(10) vejo a um escravo comprado por cinco xerafins fazer-se senhor de muitas rendas.  
(Cartas de Afonso de Albuquerque. Pato 1884: 35)

(MARTINS, 2004, p. 204)

Andrade (2015), ao contrário de Martins (2004), considera que a baixa incidência de construções ECM evidencia sua não ocorrência no português arcaico, defendendo, portanto, que essas construções passaram a ser licenciadas apenas no período clássico. Nos dados que analisa, encontra três casos que geram dúvidas sobre a presença de sujeitos acusativos, dos quais considera apenas um como caso certo de ECM, graças à presença de reflexivo junto ao verbo infinitivo:

(11) Era para louvar a Deus, e folgar de ver o esforçado pelejar dos nossos, que por força **fizeram juntar-se** onde estava o pendão de Sevilha. (Galvão \*1435, 66)

(ANDRADE, 2015, grifo nosso)

Essa única ocorrência, segundo o autor, não invalidaria a hipótese do surgimento das ECM no período clássico, visto que a segunda metade do século XV – período a que pertence o trecho acima citado – já seria o início do PCl conforme proposta de Galves, Namiuti e Paixão de Souza (2006). Portanto, o dado poderia ser interpretado como sinal do surgimento de um novo tipo de estrutura que antes não havia no PA, a qual se consolidaria apenas a partir do século XVI.

A emergência das orações causativas com infinitivo flexionado no português é outro ponto de discussão. O PA já licenciava esse tipo de infinitivo, mas não como complemento de verbos causativos. A tese de Martins (2004) é que esse tipo de sentença passou a ser empregado apenas no século XVI, graças à reinterpretação do infinitivo flexionado absoluto.

O infinitivo flexionado absoluto era comum no PA. Consistia no emprego do infinitivo flexionado em contextos de não subordinação, com valor imperativo ou optativo, como no exemplo abaixo:

(12) *Infinitivo flexionado absoluto*

a. E **ffazerem** a dita cassa e **Reffazerem** de todo casso fortuyto.

(Documento notarial, ano de 1407. Martins 2001: 472)

b. E a **faça** e **Refaça** de todo caso furtuyto.

(Documento notarial, ano de 1414. Martins 2001: 477)

(MARTINS, 2004, grifo nosso)

Segundo Martins (2004), o contexto favorecedor da reinterpretação do infinitivo absoluto como complemento de um verbo causativo ocorre em uma situação de ambiguidade, na qual se tem uma construção causativa coordenada a um infinitivo flexionado absoluto. A coordenação, nesse caso, pode ser interpretada tanto no nível textual quanto frasal. Na primeira hipótese, o segundo infinitivo é realmente visto como absoluto; na segunda, é interpretado como complemento de um verbo causativo elíptico. Para ilustrar essa situação, a autora apresenta o seguinte trecho em (13)

(13)

e sobre todo esto **mandamus e houtorgamus que** se algũu de nos ueher que aquesta nossa partizõ queyra britar ou desfazer, **peyte** áá outra parte aguardante. C. mrs. uelhus

da moeda corredia em Portugal e o prazo ficar em sa forteleza e vala para todo o sempre.

(MARTINS, 2004, grifo nosso)

No exemplo acima, a oração *e o prazo ficar em sa forteleza* pode ser analisada tanto com o valor de subjuntivo, uma oração independente da oração matriz anterior, como em (14b), quanto como complemento da elipse do verbo *mandamos*, ilustrado em (14c):

(14)

- a. **mandamos peytar** àà parte aguardante C maravedis e o prazo ficar em sa forteleza
- b. **Mandamos peytar** àà parte aguardante C marevedis. **E o prazo ficar [=fique]** em sa forteleza
- c. **Mandamos peytar** àà parte aguardante C marevedis e [**mandamos**] o prazo ficar em sa forteleza

(MARTINS, 2004, grifo nosso)

Salles e Pilati (2014), Andrade (2015) e Trannin (2010), contudo, baseados nos dados levantados por esta última, discordam de Martins (2004) quanto ao período de surgimento do infinitivo flexionado nas estruturas causativas. Os dados de Trannin (2010) para o século XVI não apresentam nenhum caso de IF, o que leva a crer que a mudança que deu origem às sentenças IF não data dessa época. Salles e Pilati (2014) aceitam a tese de Martins (2004) sobre o contexto de surgimento das causativas IF no português, mas sustentam que o infinitivo flexionado só passa a ser empregado, nesse contexto, no século XIX. Andrade (2015), apesar de defender outra hipótese para o surgimento dessas estruturas, identifica a sua implementação também no período posterior ao PCI<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Segundo a datação de Galves e Paixão de Souza (2006), que Andrade (2015) adota, a causativa IF ocorreu no português moderno: século XVIII aos dias atuais.

### 3 AS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NO PORTUGUÊS CLÁSSICO (PCL)

#### 3.1 Tipos de construções causativas encontradas no português clássico (PCL): o estudo de Trannin (2010)

O estudo de Trannin (2010) teve como objetivos analisar e descrever as características das construções causativas com infinitivo do PCL ao PE e localizar um possível momento de mudança sintática. Seus dados foram extraídos de 26 textos cujos autores nasceram entre os anos 1510 e 1836, extraídos do *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*.

Para este estudo, os dados relevantes foram aqueles referentes ao século XVI, que totalizaram 497 ocorrências retiradas de cinco textos<sup>15</sup>. Destas, Trannin (2010) encontrou as seguintes construções, seguidas da exemplificação.

##### 3.1.1 Fazer-infinitivo

(15) *FI com verbo intransitivo e causado sem preposição, contíguo ou não ao infinitivo*

- a. O Governador **mandou sair** pera fóra seus criados [...] (D. do Couto, 1542)
- b. [...] à conta de a sustentarem com Deus e fugirem os perigos da vida e ocasiões de pecado, em que a ociosidade, liberdade, pobreza e orfandade **faz cair** muita gente. (F. L. de Sousa, 1556)

(16) *FI com verbo transitivo e causado precedido pela preposição “a” ou na forma do clítico “lhe”*

- a. Mas se alguém dixer que eu **mando ter** *tantas sciencias e officios* ao desenhador [...] (F. de Holanda, 1517)
- b. [...] e eram êles tais que não sómente **faziam perder** ao Sol *a fermosura [...]* (F. R. Lobo, 1579)
- c. [...] e juntamente lhe **mandou compor** *um Catecismo que fosse obra mui perfeita*, o que tudo fizeram puntualmente, à custa de muito trabalho. (F. L. de Sousa, 1556)

---

<sup>15</sup> Esses textos são, conforme Andrade (2015): *Peregrinação* (Pinto \*1510), *Da Pintura Antiga* (Holanda \*1517), *Décadas, vol. 1* (Couto \*1542), *A Vida de D. Frei Bertolomeu dos Mártires* (Sousa \* 1556), *Cortes na Aldeia e Noites de Inverno* (Lobo \*1579).

(17) *FI em que a contiguidade entre os verbos do complexo verbal é interrompida por um elemento lexical (em caixa alta)*

- a. [...] Antonio de Faria **mandou ENTÃO parar** os ministros da execução, (F. M. Pinto, 1510)
- b. Em Côrte do Emperador Carlos V, andando êle indisposto, lhe mandaram OS MÉDICOS comer borragens, por ser erva medicinal para a sua enfermidade; (F. R. Lobo, 1579)

(18) *Duas ocorrências de FI nas quais o causado dativo está topicalizado*

- a. [...] & a todos os mais que nellas vinhão mandou rapar as barbas (F. M. Pinto, 1510)
- b. [...] & ao Rey com hum pao muyto grosso **fez botar os miolos** fora (F. M. Pinto, 1510)

### 3.1.2 Fazer-por

(19) *FP com causado na posição final, antecedido por “por” ou “de”*

- a. [...] depois de haver alguns dias que era chegado à fortaleza, os Reys comarcaõs della **o mandaraõ visitar** por seus Embaixadores (F. M. Pinto, 1510)
- b. Que **me faça respeitar** dos pobres [...] (F. L. de Sousa, 1556)

(20) *FP com causado ausente*

- a. Porém Nero emperador **mandou pintar** em pano *um coliseo de CXXI pés*. (F. de Holanda, 1517)

(21) *FP com causado ausente em que há um advérbio ou o sujeito do verbo causativo entre o causativo e o infinitivo (em caixa alta)*

- a. Mas por mais humanamente que o papa *lhe mandou MUITO pedir* *que tornasse*, nuncao pode acabar com ele. (F. de Holanda, 1517)
- b. Despedidos os Embaixadores muito contentes, **mandou O GOVERNADOR ter grande resguardo** em Mealecan [...] (D. do Couto, 1542)

(22) *FP com fronteamento do objeto da oração subordinada*

- a. E *aos outros mandarão* uma noite **lançar** na praya de Melides, nós, & descalços [...]. (F. M. Pinto, 1510)

b. *às mulheres mandava dar mantos* pêra não faltarem em ir à igreja; (F. L. de Sousa, 1556)

### 3.1.3 ECM

(23) *ECM com infinitivo transitivo e causado clítico acusativo*

a. Despidido o mensageiro com esta reposta, [...] chegou onde a Raynha estava, & lhe encareceo a resposta que trazia de talmaneyra, que **a fez ter** para sy *que por causa desta Galê sem dúvida perderia muyto cedo o seu reyno* (F. M. Pinto, 1510)

b. [...] pelo que **o mandou** logo **visitar** *ao mar*, e a pedir-lhe que quizesse ser seu hóspede. (Diogo do Couto, 1542)

### 3.1.4 A ambiguidade morfossintática e a tipologia das construções causativas

Uma dificuldade para classificar os tipos de construções causativas com infinitivo é a ambiguidade dos dados quanto à atribuição de caso ao argumento causado (conforme discutido por Martins (2004) e corroborado em Andrade (2015), na seção 2). Como as situações que podem gerar esse tipo de dificuldade são inúmeras e têm impacto diretamente nos resultados, é importante distingui-las bem. Enfatizamos, portanto, a oposição morfossintática entre o caso acusativo e dativo, na realização do causado<sup>16</sup>.

A seguir, apresentamos os dados ambíguos encontrados por Trannin (2010) para o século XVI e, mais à frente, no contexto dos resultados coletados na obra de Gil Vicente, os casos de ambiguidade encontrados nesse autor. A autora encontrou duas possibilidades nos seus dados desse período: FI/ECM (24-25) ou IF/ECM (26).

(24) *Fazer infinitivo ou ECM com infinitivo intransitivo*

a. É certo que tenho raiva, sabendo que a língua Portuguesa não é manca, nem aleijada, ver que **a façam andar** em muletas latinas os que a haviam de tratar melhor. (F. R. Lobo, 1579)

b. Desta desordem cresceo o ânimo aos inimigos, e saíram de dentro com grande

---

<sup>16</sup> Na teoria gerativa, o caso morfológico é o reflexo de uma propriedade abstrata de licenciamento dos sintagmas nominais na estrutura oracional. Por convenção, utiliza-se, nessa abordagem, a maiúscula (Caso), em oposição à minúscula (caso), para indicar a manifestação da propriedade abstrata e da propriedade morfossintática, respectivamente (cf. CHOMSKY, 1995).

furia, e dando em alguns que estavam em terra, os fizeram fugir bem escalavrados, deixando-lhes as armas. (D. do Couto, 1542)

Nos exemplos (24a) e (24b), com o verbo intransitivo no infinitivo, não é possível afirmar com certeza se as construções causativas são FI ou ECM. Em (24a), o clítico acusativo *a* pode ser interpretado ora como sujeito acusativo de *andar* (ECM) com caso atribuído por *façam*, ora como causado do complexo verbal *façam andar* (FI). EM (24b), do mesmo modo, o clítico *os* pode ser tanto o sujeito acusativo de *fugir* (ECM) quanto o causado do complexo verbal *fizeram fugir* (FI).

Outra possibilidade de ambiguidade ente FI e ECM encontrada por Trannin (2010) para esse século ocorre quando o dativo aparece em posição típica de ECM, entre o causativo e o infinitivo, como em (25):

(25) *Fazer infinitivo ou ECM com causado dativo em posição interverbal*

[...] se a minha vida merecera a Deus que **mandasse a algum Anjo falar comigo**, pudera imaginar que ela o seria, porque a sua beleza passava os limites do encarecimento humano (F. R. Lobo, 1579)

Nessa situação, a posição do causado gera dúvidas sobre a sua realização sintática na estrutura, interpretada como FI ou ECM, pois, além da hipótese de ser um dativo em posição OV, há a possibilidade de ser um acusativo preposicionado, visto que o sintagma tem traço [+humano]<sup>17</sup>.

Outro tipo de ambiguidade – agora entre ECM e IF – ocorre quando o causado aparece como sintagma na terceira pessoa do singular, em posição anteposta ao verbo transitivo no infinitivo<sup>18</sup>, como em (26):

(26) *ECM ou infinitivo flexionado*

[...] **mandando um Mouro de recado dar aviso aos da fortaleza**, pera que estivessem prestes pera o recolherem. (D. do Couto, 1542)

<sup>17</sup> Deve-se levar em conta, também, a hipótese de que o verbo mandar ocorre em estrutura de controle de objeto no PA, como destaca Martins (2004), em que o argumento na posição de complemento do verbo mandar controla o sujeito do infinitivo.

<sup>18</sup> É preciso que não haja a possibilidade de o causado ser interpretado como um sintagma em posição OV, senão haveria também ambiguidade com FI.

Já que o causado não apresenta marcas morfossintáticas distintivas entre nominativo e acusativo encontradas nos pronomes pessoais, e como o infinitivo pessoal, na terceira pessoa do singular, também não possui nenhuma marca que o distinga do infinitivo impessoal, não é possível saber se *um Mouro de recado* é um sintagma acusativo em ordem OV com caso atribuído por *mandando* ou um sintagma nominativo com caso atribuído por *dar*.

### 3.1.5 Quantificação dos tipos de construções causativas

A tabela abaixo apresenta a quantidade de cada tipo de construção causativa encontrada por Trannin (2010) para o século XVI, com a respectiva percentagem.

**Tabela 1** – Dados de Trannin

Construção	XVI	
	N	%
<i>Fazer-infinitivo</i>	70	14
<i>Fazer-por</i>	302	60.8
ECM	64	12.8
FI ou ECM	60	12.2
ECM ou IF	1	0.2
<b>Total</b>	<b>497</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Trannin (2010).

Desses dados, observa-se que a maior parte é constituída de FP (60,8%), seguida de FI (14%) e ECM (12.8%). A quantidade de construções ambíguas FI/ECM é elevada (12,2%), mas apenas um caso de ECM/IF foi encontrada (0,2%). Para os propósitos deste trabalho, é relevante notar que Trannin (2010) não encontrou nenhum dado não ambíguo de infinitivo flexionado.

### 3.2 Os dados em Gil Vicente

O *corpus* analisado<sup>19</sup> foi extraído de 33 textos do teatro de Gil Vicente, escritos total ou parcialmente em português e encenados entre os anos 1505 e 1536. Desse conjunto, foram

<sup>19</sup> Excluíram-se do número de dados a expressão cristalizada *leixar estar* e construções em que o verbo *leixar/deixar* parece ter um uso expletivo, como em (i). Foram consideradas elipses verbais em estruturas coordenadas. Quanto à distribuição diferente dos elementos nas construções, optamos por destacar nesta seção apenas a posição interverbal, já que essa parece ser a mais relevante para a determinação do caráter mono ou bio-oracional das estruturas.

(i)

a. Se [esta dona honrada] *o deixar esquecer* (O Juiz da Beira, 1525)

b. = Se [esta dona honrada] *o esquecer*

encontradas 160 construções causativas com infinitivo e 6 casos de causativo com infinitivo precedido de *a*, que não entraram no cálculo mas serão discutidos à frente.

### 3.2.1 Fazer-infinitivo

(27) *FI com verbo intransitivo e causado sem preposição*

- a. Que **deixasse andar** os bois (Auto pastoril português, 1523)
- b. Vós **leixareis** / **Entrar** pessoas honradas (Templo d’Apolo, 1526)
- c. [Elle] **fez morrer** minha mulher (Romagem de agravados, 1533)

Quanto aos verbos infinitivos transitivos, foram encontradas as seguintes construções:

(28) *FI com verbo transitivo e causado precedido pela preposição “a” ou na forma de clítico*

- a. [O terremoto] **Faz fazer** ao morto voto / *De não bolir mais consigo*<sup>20</sup> (Auto da feira, 1527)
- b. [...] em logar das fadas *que* lhe a Feiticeira **mandou trazer** (Auto das fadas, c. 1495-1521)
- c. **Mandae-lhe acender** candeias<sup>21</sup> (Auto da Mofina Mendes, 1534)

Dessas, apenas duas ocorrências do causado na forma sintagmática foram encontradas – a apresentada em (28a) e a seguinte, em posição interverbal:

(29) *FI com verbo transitivo e causado precedido pela preposição “a” em posição interverbal*

- O que não haveis de comer / **Leixae-o** a outrem mexer (Farça de Inês Pereira, 1523)

<sup>20</sup> Nessa ocorrência, o causado aparece topicalizado.

<sup>21</sup> Embora a presença do clítico *lhe* não seja garantia de o causado ser um dativo, pois o PA licenciava acusativo preposicionado quando o objeto tinha traço [+ humano] (MARTINS, 2004), procurou-se seguir os mesmos critérios adotados por Trannin (2010), não problematizando a atribuição de caso de *lhe*.

Apesar de *outrem* estar em posição típica de ECM e ter traço [+ humano], o que possibilitaria interpretá-lo como acusativo preposicionado em ordem OV, a ocorrência de subida do clítico *o* permite classificar a sentença (29) como FI.

Encontramos também uma ocorrência do sujeito do causativo em posição interverbal, apresentado em (30)

(30) *FI com o sujeito do verbo causativo em posição interverbal* (em caixa alta)

*Isto vos **faço** EU **saber*** (Auto da barca do purgatório, 1518)

### 3.2.2 Fazer-por

Na maior parte das construções FP encontradas, o causado estava ausente, interpretado, portanto, como genérico:

(31) *FP com causado ausente*

a. Porque hum corregedor / **Manda enforcar** *um ladrão?* (Auto da feira, 1527)

b. E **mandae pôr** *em prisão* / *Os ventos de Meridião* (Cortes de Júpiter, 1519)

c. [...] já *me a mim*<sup>22</sup> **mandou rogar** / muitas vezes Gil Vicente (Auto da Festa, ?)

Dessas construções, quatro tinham um advérbio entre o causativo e o infinitivo (32a-d), e duas tinham o sujeito do verbo causativo nessa mesma posição, como ilustrado em (32e):

(32) *FP com causado ausente em que há um advérbio entre o causativo e o infinitivo ou o sujeito do verbo causativo* (em caixa alta)

a. **Mandae-me** ORA **agasalhar** (Auto da alma, 1508)

b. Com tanto que ella ou El Rei / *o mandem* CA **apanhar** (Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela, 1527)

c. *Vos mande* ASSI **destruir** / Desta maneira (Comédia de Rubena, 1521)

d. **Mandae** LOGO **acender** *fogo* (Frágoa d'amor, 1525)

e. *Te mandei* EU **amassar** (Auto das fadas, c. 1495-1521)

<sup>22</sup>Nesse exemplo ocorre o fenômeno de redobro de clítico.

Apenas uma ocorrência de causado como sintagma foi encontrada, antecedida pela preposição *por*:

(33) *FP com causado na posição final, antecedido de “por”*

Eu *te farei amansar* / Pola tua superiora (Cortes de Júpiter, 1519)

### 3.2.3 ECM

(34) *ECM com infinitivo transitivo e causado clítico acusativo*

a. Logo per força os fizera tragar / *Quantas maçans naquella arvore estão* (Auto da história de Deus, 1527)

b. *Ovelhas e bois, e toda abundança* / Os leixa lograr (Auto da história de Deus, 1527)

(35) *ECM com infinitivo reflexivo*<sup>23</sup>

a. Fará ao marido cobrir-se de tinha (Auto da história de Deus, 1527)

b. Pois vida, morte e prisão tão triste / Me fazem pesar-me porque fui nascido. (Auto da história de Deus, 1527)<sup>24</sup>

c. Rogo á Virgem Maria / Quem me faz erguer da cama<sup>25</sup> (Quem tem farelos, 1505)

As construções em (35) são, num primeiro relance, ambíguas. Como o causado de (35a) aparece como sintagma com traço [+ humano] precedido de *a* em posição interverbal, e os causados de (35b-c) aparecem como clíticos de primeira pessoa (sem marca distintiva entre acusativo e dativo), seria possível interpretar tais sentenças também como FI. Contudo, seguindo a análise de Martins (2004) – junto à constatação do fato de não haver subida de clítico

<sup>23</sup> Assume-se a análise de que o causado preposicionado manifesta o caso acusativo, nos termos de Martins (2004, cf. seção 2).

<sup>24</sup> O verbo *pesar* com o sentido de *entristecer-se*, *arrepender-se*, parece ter sua sintaxe ligada à do verbo latino *poenitet*, normalmente impessoal. Pudemos observar no português medieval o mesmo uso impessoal desse verbo, acompanhado sempre de clítico dativo para indicar a pessoa afetada, ilustrado em (i). Em alguns casos, porém, observamos seu uso pessoal, assim como já ocorria com *poenitet* no latim falado (FARIA, 1964, p. 694), exemplificado em (ii).

(i) E o ij deu, porque lhe pesaua de seer obrigado (séc. XV)

(ii) Peroo a Rainha [...] nam daua porem a emtender que lhe pesaua nada (séc. XV)

Os exemplos acima foram retirados do verbete *pesar* no *Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval*.

<sup>25</sup> O pronome integrante de *erguer-me* é omitido porque tem a mesma marcação morfológica do *me* do causado, fenômeno a que Andrade (2015) chama a atenção em seu artigo. Não há que se falar, portanto, em subida de clítico.

–, optamos por classificar essas estruturas como ECM, pois precisam ser bioracionais. Os sintagmas *ao marido* e as ocorrências do clítico *me* como causado, portanto, devem ser analisados como objetos de *fará*, *fazem* e *faz* e sujeitos acusativos de *cobrir-se pesar-me* e *erguer-me*, respectivamente.

### 3.2.4 Infinitivo flexionado

Foram encontradas duas ocorrências não ambíguas de infinitivo flexionado, uma com sujeito desinencial (36) e outra com causado na forma nominal (37).

(36) *Infinitivo flexionado com sujeito desinencial*

Se se podesse **fazer** / **Podermos ver** / *Qual estaveis ao cravar* / *Do Redemptor!* (Auto da alma, 1508)

(37) *Infinitivo flexionado com causado de forma nominal plena*

**Fazeis as mesquitas serem** desertadas (Auto da Fama, 1510)

### 3.2.5 Casos de ambiguidade<sup>26</sup>

Como discutido anteriormente, os casos de ambiguidade são muitos. Encontramos, ao todo, cinco possibilidades de interpretação ambígua nos nossos dados, o que não exclui que outras ainda existam: FI/ECM; IF/ECM; FI/ECM/FP; IF/ECM/FI; e FI/FP.

Há ambiguidade entre FI e ECM quando: 1) o infinitivo é intransitivo e o causado é expresso por clítico, já que o clítico acusativo tanto das ECM quanto desse tipo de FI liga-se ao domínio do causativo – como em (38a-b); 2) o infinitivo é intransitivo e o causado sintagmático aparece entre os dois verbos, já que a gramática do PA admite ordem OV – como em (38c-d); 3) o infinitivo é transitivo e o causado aparece sob a forma de clítico de primeira ou segunda pessoa, pois esses não apresentam marcas distintivas entre acusativo ou dativo – como em (39); 4) o infinitivo é transitivo, o causado tem traço [+ humano], é antecedido de preposição e aparece em posição interverbal, pois pode ser interpretado tanto como dativo quanto como acusativo preposicionado – como em (40).

<sup>26</sup> A maior parte das interpretações ambíguas aqui apontadas foram descritas por Andrade (2015).

(38) *Fazer-infinitivo ou ECM com infinitivo intransitivo*

- a. **Mandarão-me** aqui **subir** (Auto da Mofina Mendes, 1534)
- b. Quem **vos mandou** ca **entrar**? (Comédia de Rubena, 1521)
- c. **Fará os peixes cantar**, / E cousas mais impossíveis. (Cortes de Júpiter, 1519)
- d. **Farei os asnos zurrar** (Auto da Lusitânia, 1532)

(39) *Fazer-infinitivo ou ECM com infinitivo transitivo*

- a. **Leixa-me remediar** / *O que tu, cruel, damnaste* (Auto da alma, 1508)
- b. **Manda-te**, Mundo, **agasalhar** Adão (Auto da história de Deus, 1527)

(40) *Fazer-infinitivo ou ECM com dativo em posição interverbal*

Tres cousas acho que **fazem** / Ao doudo ser sandeu (Auto da Mofina Mendes, 1534)

Há ambiguidade entre IF e ECM quando o infinitivo é transitivo e o causado é um sintagma no singular em posição interverbal, como em (41). Visto que o infinitivo pessoal, na terceira pessoa do singular, tem a mesma forma do infinitivo impessoal, não é possível saber se o causado recebe caso nominativo do verbo da subordinada ou da principal.

(41) *ECM ou infinitivo flexionado*

As cousas que **fazem a terra parir** / Lirios alvos e veas divinas (Auto das fadas, c. 1495-1521)

Encontramos ambiguidade entre FI, ECM e FP no seguinte caso, com o verbo *pesar*.

(42) *Fazer-infinitivo ou ECM ou fazer-por*

Todo seu feito he **fazer-nos pesar** (Auto da história de Deus, 1527)

Como esse verbo apresenta uma sintaxe particular, podendo ser ora empregado impessoalmente, ora pessoalmente, mas sempre acompanhado de um dativo – e como, nessa ocorrência, é usado intransitivamente –, o clítico da sentença acima pode ser interpretado: 1) apenas como dativo do verbo *pesar* elevado ao domínio do causativo, hipótese em que o infinitivo estaria sendo empregado impessoalmente: um caso, portanto de FP<sup>27</sup>; 2) como dativo

<sup>27</sup> Como *pesar-nos* é impessoal, pode-se argumentar que não faria sentido classificá-lo como *fazer-por*, já que esse tipo de estrutura pressupõe um agente em potencial, mesmo que não expresso, ou ao menos um argumento externo.

do verbo *pesar* e acusativo pertencentes ao domínio do verbo causativo (expresso morfologicamente apenas uma vez): um caso de ECM ou de FI, já que o infinitivo está sendo empregado intransitivamente.

Outras ocorrências ocasionaram interpretação ambígua entre IF, ECM e FI, apresentadas em (43).

(43) *Infinitivo flexionado ou ECM ou fazer-infinitivo*

- a. **Leixae** ora a gaita **vir** (Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela, 1527)
- b. Quem **manda** boso **pari** (O clérigo da Beira, 1526)
- c. Já tudo **leixão** **passar** (Triunfo do inverno, 1529)

Como, em (43a-b), o infinitivo é intransitivo e o causado é expresso como sintagma na terceira pessoa do singular em posição interverbal, há três possíveis interpretações: trata-se de uma construção bioracional, na qual: a) o causado recebe acusativo do verbo da principal – ECM; b) o causado recebe caso nominativo do infinitivo – IF; trata-se de uma construção mono-oracional, em que o complexo verbal atribui o acusativo ao causado, que aparece anteposto ao infinitivo – FI.

No caso de (43c), a mesma ambiguidade ocorre, mas devido à topicalização do causado. Não podemos afirmar se *tudo* recebe acusativo do verbo causativo, nominativo do infinitivo ou se é um acusativo do complexo verbal em posição de tópico da sentença.

Encontramos também ambiguidade entre FI e FP, que apresentamos abaixo.

(44) *Fazer-infinitivo ou fazer-por*

- a. [Prazer] [...] **fará engrandecer** o mar (Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela, 1527)
- b. Prazer que **fez abalar** / Tal serra como eu da Estrella (Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela, 1527)
- c. [...] porque lhe **farei tecer** / hua tea sem ordir (Auto da festa, ?)

Em todas essas ocorrências, não é possível saber a transitividade exata dos infinitivos, pois ela é variável e o contexto não nos soluciona o problema. Assim, os sintagmas *o mar* e *tal*

---

Optamos por essa classificação por ser a única que permite a omissão do causado, embora reconheçamos que talvez não seja a mais adequada.

*serra*, em (44a-b), podem tanto ser interpretados como objetos diretos dos infinitivos (FP), quanto como causados dos complexos verbais (FI). Em relação a (44c), a ambiguidade está no clítico *lhe*, que pode ser tanto o causado dativo (FI), quanto um simples dativo de interesse (FP).

Entre as sentenças ambíguas, também foram encontrados alguns casos de redobramento de clítico.

(45) *Redobramento de clítico*

- a. Quem te manda a ti chorar (Auto pastoril português, 1523)
- b. Leixae-me casar a mi (Farça de Inês Pereira, 1523)

Ocupando a posição interverbal, encontramos os seguintes elementos além dos eventuais causados, podendo aparecer mais de um ao mesmo tempo:

(46) *Posição interverbal ocupada por outro sintagma que não o causado* (em caixa alta)

- a. Advérbio: Se não os fizera PER FORÇA **peccar** (Auto da história de Deus, 1527)
- b. Vocativo: **Manda-te**, MUNDO, **agasalhar Adão** (Auto da história de Deus, 1527)
- c. Pronome indefinido: **Far-vos-hei** TODOS **dormir** (Exortação da Guerra, 1513)
- d. Sujeito do verbo causativo: **Mando-vos** EU **suspirar** / *Pola padeira d'Aveiro* (Farça dos Almocreves, 1526)
- e. Clítico redobrado: **Mando-vos** eu A VÓS **chover** (Triunfo do inverno, 1529)

### 3.2.6 Construções em que o infinitivo é introduzido pela preposição *a*

Deparamo-nos com algumas sentenças formadas de verbo causativo na principal e infinitivo antecedido de *a* na subordinada, o que sugere uma configuração bioracional. Tal estrutura não é atestada em nenhuma causativa com complemento infinitivo descrita na literatura estudada. Ao todo, são seis dessas ocorrências, não incluídas na quantificação dos dados: duas com o verbo mandar, em (47a-b), e quatro com o verbo *fazer*, exemplificadas em (47c-f). Todas as construções com o verbo *fazer* tinham como complemento o sintagma *a saber*.

No caso de *fazer a saber*, consideramos que se trata de uma expressão fixa, o que se confirma pela incidência exclusiva com o verbo encaixado *saber* e pela realização nula do *causado*, interpretado como genérico.

(47) *Infinitivo antecedido pela preposição “a”* (causado sublinhado e inf. prep. em itálico)

- a. Me manda *a* vos *ajudar* / E defender. (Auto da alma, 1508)
- b. Mandar o soberbo *a* *negociar* / Cousas que hão de ser feitas por manha (Auto da história de Deus, 1527)
- c. [...] fazendo *a* *saber* / Que tudo Deos faz e póde fazer (Comédia sobre a divisa da cidade de Coimbra, 1527)
- d. E mais vos *faz a saber* / Que vos quer logo casa (Auto da Lusitânia, 1532)
- e. [...] antes vos faço *a saber* / que, se não fosse o comer, / não faria lume em casa (Auto da festa, ?)
- f. E faço-vos *a saber* / que estou muito aparelhado (Auto da festa, ?)

### 3.2.7 Quantificação dos tipos de construções causativas

Na tabela 2, a seguir, apresentamos a distribuição quantitativa em função dos tipos de construções causativas encontradas, bem como os casos ambíguos, com as respectivas percentagens.

**Tabela 2** – Dados em Gil Vicente

<b>Construção</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<i>Fazer-infinitivo</i> (FI)	28	17,5
<i>Fazer-por</i> (FP)	44	27,5
ECM	5	3,1
<i>Infinitivo flexionado</i> (IF)	2	1,2
FI/ECM	73	45,6
IF/ECM	1	0,6
FI/ECM/FP	1	0,6
IF/ECM/FI	3	1,8
FI/FP	3	1,8
<b>Total</b>	<b>160</b>	<b>100</b>

Como se depreende dos resultados, a maior parte dos dados é constituída de construções ambíguas FI/ECM (45,6%), seguida de FP (27,5%) e FI (17,5%). A quantidade de construções ECM não ambíguas é baixa (3,1%), e apenas dois casos de IF (1,2%) foram encontrados.

#### 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Uma rápida comparação entre as porcentagens dos dados em Trannin (2010) com os resultados encontrados no *corpus* deste estudo revela que há grande diferença na quantidade de ocorrências ambíguas FI/ECM: 12,2% e 45,6%, respectivamente. Quanto à ambiguidade ECM/IF, Trannin (2010) encontrou apenas um caso (0,2%), enquanto nós contabilizamos 0,6%. Um fator relevante não computado nessa comparação é o número de dados em cada *corpus*, o que exigiria outro tipo de tratamento estatístico, que não foi realizado. Cabe ainda observar que vários casos de ambiguidade foram encontrados apenas em nossos dados, totalizando 4,8%.

Como demonstrado nas seções anteriores, existem diferentes possibilidades de interpretação ambígua, por isso a necessidade de reunir quantidade razoável de ocorrências. O número reduzido de construções identificadas no *corpus* de Gil Vicente – 160 – pode explicar a porcentagem elevada de confusão entre FI e ECM: de todas, a mais comum de ocorrer.

Se desconsiderarmos os dados ambíguos, os dois *corpora* apresentam a mesma frequência quanto às construções mais e menos numerosas, ilustradas na tabela 3, com uma diferença fundamental: encontramos duas ocorrências de infinitivo flexionado (1,2%) nos textos vicentinos.

**Tabela 3** – Comparação entre dados do séc. XVI (TRANNIN, 2010) e de Gil Vicente

Séc. XVI (TRANNIN, 2010)	Gil Vicente
1. <i>FP</i> – <b>60,8%</b>	1. <i>FP</i> – <b>27,5%</b>
2. <i>FI</i> – <b>14%</b>	2. <i>FI</i> – <b>17,5%</b>
3. <i>ECM</i> – <b>12,8%</b>	3. <i>ECM</i> – <b>3,1%</b>
4. <i>IF</i> – <b>0%</b>	4. <i>IF</i> – <b>1,2%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Trannin (2010).

As causativas FP foram as mais numerosas, com predominância de causados omitidos tanto na pesquisa de Trannin (2010) quanto na coleta que realizamos em Gil Vicente. Em sequência, aparecem as FI. Seguem, em menor número, as ECM, seguidas das IF (estas últimas encontradas apenas em Gil Vicente).

Os dados revelam que as causativas ECM, apesar de presentes no PCI no século XVI, parecem não ser o tipo de construção mais favorecido no período. Tal resultado, apesar de dever ser interpretado com cuidado devido ao grande número de casos ambíguos, está de acordo com a tendência que se observa desde o PA; no português medieval, as causativas padrão eram *fazer-por* e *fazer-infinitivo*: os possíveis casos de ECM, como vimos, são escassos e muito discutidos.

É natural que, no início do PCI (séc. XVI), os registros de ECM sejam raros, já que se trata de estrutura inovadora.

A presença expressiva de FP deveu-se sobretudo à escolha teórico-metodológica de interpretar construções de causado omitido como *fazer-por*. Uma outra opção teria levado a reavaliar os dados.

A ausência de infinitivo flexionado não ambíguo nos dados de Trannin (2010) levou-a a questionar a tese de Martins (2004), que localiza o surgimento das causativas com esse tipo de complemento no século XVI. Salles e Pilati (2014), assim como Andrade (2015), também se basearam nesse resultado para reconsiderar que o período de mudança gramatical que permitiu a emergência de tal construção é posterior. Por isso, a presença de IF atestada nos textos de Gil Vicente – embora em quantidade bastante reduzida – é relevante, pois indica que já era licenciada pela gramática do português no início do século XVI.

O fato de termos encontrado, na obra de Gil Vicente, sentenças com *mandar* e *fazer* na oração principal e infinitivo antecedido de *a* na subordinada pode também ter algum significado, conforme ilustrado anteriormente e repetido a seguir.

(47) *Infinitivo antecedido pela preposição “a”* (causado sublinhado e inf. prep. em itálico)

a. Me manda *a* vos *ajudar* / E defender. (Auto da alma, 1508)

b. Mandar o soberbo *a* *negociar* / Cousas que hão de ser feitas por manha (Auto da história de Deus, 1527)

c. [...] fazendo *a* *saber* / Que tudo Deos faz e póde fazer (Comédia sobre a divisa da cidade de Coimbra, 1527)

d. E mais vos faz *a* *saber* / Que vos quer logo casa (Auto da Lusitânia, 1532)

e. [...] antes vos faço *a* *saber* / que, se não fosse o comer, / não faria lume em casa (Auto da festa, ?)

f. E faço-vos *a* *saber* / que estou muito aparelhado (Auto da festa, ?)

Em (47a) e (47b), o sentido do verbo mandar é ambíguo. Pode ser tanto interpretado como *imperar* (causativo), quanto como *enviar*, embora o contexto pareça favorecer a segunda opção.

No primeiro caso, haveria um verbo causativo com infinitivo numa configuração bioracional, na qual a preposição *a* funcionaria como fronteira entre as duas orações. Isso

acontece, por exemplo, com o verbo de controle *obrigar*, conforme o exemplo em (9), também retomado aqui:

(9) A mãe obrigou as **filhas**<sub>i</sub> a [ ]<sub>i</sub> escovar os dentes.

O sintagma *as filhas* é objeto direto de *obrigar*, e a oração *escovar os dentes*, com sujeito correferencial a *as filhas*, é objeto indireto. Do mesmo modo, as construções [...] *Me manda a vos ajudar* e [...] *Mandar o soberbo a negociar* poderiam ser analisadas como estruturas de controle de objeto<sup>28</sup>, das quais apenas *o soberbo* é indiscutivelmente acusativo.

Interpretado com o sentido de *enviar*, a preposição *a* continuaria introduzindo outra oração, mas agora com status de conjunção, pois a oração teria o sentido adverbial de finalidade. Para ficar mais claro, poderíamos reescrever ambas as construções da seguinte maneira: [...] *Me envia para vos ajudar* e [...] *Enviar o soberbo para negociar*.

As construções em (47c-f), também bioracionais devido à presença da preposição *a*, parecem ser estruturas cristalizadas, pois o verbo *fazer* sempre tem como complemento a oração *a saber*. Assim como os dados em (47a-b), é possível analisá-las como tipos a controle de objeto.

---

<sup>28</sup> O verbo *mandar* era ditransitivo no PA. Porém, diferente dos dados em (47), “quem manda, manda algo a alguém”, e não “manda alguém a algo”, conforme o exemplo retirado de Martins (2004) e apresentado abaixo. Uma hipótese para explicar esse outro comportamento seria imaginar que o verbo “mandar”, por proximidade semântica a “obrigar”, tivesse assumido uma configuração sintática diferente em alguns contextos.

(i) E o Cide mandou aos seus que roubassem o Campo (*Crónica Geral de Espanha de 1344*. Cintra 1961: 417)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo, nesta pesquisa, foi retomar estudos prévios sobre as construções causativas do português em perspectiva diacrônica, em que se investiga a distribuição das estruturas como evidência para a manifestação da gramática inovadora do português clássico (PCI), em oposição ao português arcaico (PA). Para tanto, ampliamos a coleta de dados de construções causativas com complemento infinitivo no português do século XVI nos textos de Gil Vicente, de modo a verificar se haveria confirmação quanto ao que estava registrado na literatura consultada.

A dissertação de Trannin (2010), cujo *corpus* para o século XVI foi usado em estudos posteriores, serviu de base à nossa pesquisa, consistindo esta na descrição e quantificação dos tipos de construções por nós encontradas e na comparação das suas porcentagens com as registradas pela autora. Diferente dela, contudo, fizemos o levantamento numérico apenas quanto ao tipo de construções causativas, já que esse era o nosso recorte.

Os resultados a que chegamos – desconsiderando-se os casos de ambiguidade, que apresentaram diferença considerável –, são comparáveis aos de Trannin (2010), com exceção das construções de *infinitivo flexionado*, das quais encontramos dois casos nos dados vicentinos.

Consideramos tal achado relevante por indicar que esse tipo de estrutura, mesmo que em número reduzido, já era licenciado no início século XVI, o que confirma a análise de Martins (2004). No entanto, mais estudos empíricos são necessários para saber até que ponto o uso do infinitivo flexionado com verbos causativos pode ser visto como uma mudança gramatical ocorrida no PCI.

O registro de complemento infinitivo antecedido de *a*, por seu lado, pode ser relevante para a discussão sobre o status mono ou bioracional das estruturas causativas – tendo em vista que a presença da preposição parece demarcar uma fronteira entre duas orações – e sobre sua relação com os verbos de controle de objeto.

## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias

AMADO, França (ed.). **Obras de Gil Vicente**. Coimbra: Lvmen, 1907. Tomo 1.

AMADO, França (ed.). **Obras de Gil Vicente**. Coimbra: Lvmen, 1912. Tomo 2.

AMADO, França (ed.). **Obras de Gil Vicente**. Coimbra: Lvmen, 1914. Tomo 3.

### Ensaio e artigos

ANDRADE, Aroldo. Construções causativas no português antigo e clássico: O scrambling e a marcação de caso excepcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.23, n. 1, p. 7-58, 2015.

BERARDINELLI, Cleonice. Gil Vicente em espanhol: quando e por quê. In: **Gil Vicente: autos**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

MARTINS, Ana Maria. Ambiguidade estrutural e mudança linguística: a emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos. In: BRITO, Ana Maria Brito, FIGUEIREDO, O.; BARROS, C. (ed.). **Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva**. Porto: Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Fac. Letras Univ. Porto, 2004. p. 197-225. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6290.pdf>. Acesso em 6 de maio de 2022.

GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A., KEMMLER, R.; SCHÄFERPRIESS, B. (Org.). **Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchrone and diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr**. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

PILATI, Eloisa; SALLES, Heloisa. Correlações entre a ordem sujeito-verbo e as características das construções causativas no Português Brasileiro (PB). **Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras, Juiz de Fora**, v. 18, n. 1, p. 203-221, 2014. Disponível em [https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/11-Salles\\_Pilati.pdf](https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/11-Salles_Pilati.pdf). Acesso em 6 de maio de 2022.

GALVES, C. Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio. In LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADÉ, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 65-74. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16749/1/Rosae.pdf>. Acesso em 6 de maio de 2022.

### Dissertação

TRANNIN, J. B. **Aspectos sintáticos do infinitivo com verbos causativos no português europeu**: uma abordagem diacrônica. 2010. 126 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

### **Livros**

Chomsky, N. **Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use**. Preager: New York, 1986.

Chomsky, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

MENDES DE ALMEIDA, Napoleão. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1981.

FARIA, Ernesto (org.). **Dicionário Escolar Latino-Português**. Rio de Janeiro: Campanha Nacional de Material de Ensino, 1962.

### **Verbete eletrônico**

Pesar. In: **Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval**. Disponível em <http://medieval.rb.gov.br/verbete.php?verbete=pesar&id=65086>. Acesso em 6 de maio de 2022.